



Algumas expressões da *guerra* entre *facções* em unidades de internação do Sistema Socioeducativo no estado de Alagoas

Ada Rízia Barbosa de Carvalho¹
Alana Barros Santos²

Resumo: Neste ensaio refletimos sobre algumas expressões da *guerra* entre *facções* em unidades de internação alagoanas. Nos últimos anos, a noção de guerra passou a ser vivenciada por quem está às margens urbanas, suas vítimas são jovens garotos e garotas que ansiosamente enunciam vínculos com o Primeiro Comando da Capital ou com o Comando Vermelho. Trata-se de um perfil específico de jovens, identificados numa combinação de marcadores sociais, que está mais exposto à precoce letalidade observada no estado de Alagoas. Questionamos até que ponto a gestão institucional das vidas de adolescentes encarcerados acaba por potencializar seus conflitos ao não fornecer e propiciar meios de superá-los por uma via que não seja a da violência, do silenciamento ou da desconfiança letal em suas relações.

Palavras-Chave: Sistema socioeducativo. Facções. Guerra. Periferias.

Some expressions of the war between gangs in juvenile facilities of the Socio-educational System in the state Alagoas

Abstract: In this essay we reflect upon some expressions of war between gangs in juvenile facilities in Alagoas. In recent years, the notion of war became experienced by those who lives on the urban margins, their victims are young boys and girls who eagerly began to enunciate links with Primeiro Comando da Capital or Comando Vermelho. There is a specific profile of young people, identified in a combination of social markers, that is more exposed to the early lethality observed in the state of Alagoas. We question to what extent the institutional management of the lives of incarcerated adolescents ends

¹ Bacharela em Ciências Sociais e mestra pelo programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (PPGS/UFAL); membro do Grupo de Pesquisa Periferias Afetos e Economia das Simbolizações (Gruppaes); Alagoas, Brasil. E-mail riziaada@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/000-0002-5677-6700>.

² Bacharela em Ciências Sociais e mestra pelo programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (PPGS/UFAL); membro do Grupo de Pesquisa Periferias Afetos e Economia das Simbolizações (Gruppaes); Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: barrossalana@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5455-1647>.



up potentiating their conflicts, by not providing means to overcome them by means other than violence, silence or lethal distrust in their relationship.

Keywords: Juvenile facilities. Gangs. War. Peripheries.

1. Uma breve contextualização

Nos últimos anos em Alagoas, não muito diferente de outros estados do Norte e Nordeste do Brasil, a noção de *guerra*³ passou a figurar como um elemento vivenciado por quem está às margens urbanas. Não são todos os alagoanos que a vivenciam de perto, sentindo-a em seus corpos, vendo, ouvindo, conhecendo seus mortos. As trincheiras estão nas *quebradas*, nas periferias urbanas, nas *cadeias* e unidades de internação. Suas vítimas são, sobretudo, jovens garotos e garotas que ansiosamente passaram a enunciar vínculos com o Primeiro Comando da Capital (PCC) ou com o Comando Vermelho (CV), uma vez que esses agrupamentos também vêm se tornando símbolos de afeição, cuidado e justiça (RODRIGUES; SILVA; SANTOS, 2020; RODRIGUES, 2020).

Com episódios de massacres em presídios e de ônibus queimados nas avenidas do Norte e Nordeste, desde 2017, cenas altamente competitivas, com disputas sangrentas entre *facções*, passaram a chamar a atenção nos noticiários nacionais⁴ (MANSO; NUNES DIAS, 2017). Nesse momento, tornou-se objeto de discussão e estudo entre pesquisadores o conflito compreendido como uma *guerra entre facções*. Em Alagoas, também procuramos compreender o que está a acontecer.

Neste ensaio, partimos do processo de reconfiguração dos mercados ilícitos e criminais em periferias alagoanas desde a expansão e pressão por parte de *facções*, originárias do Sudeste do país, para a fidelização de uma rede varejista e atacadista como fornecedora de mercadorias ilícitas Brasil afora, especificamente no mercado de drogas; além de uma pressão padronizadora em termos de ideais de justiça e de um *proceder no mundo do crime*, também em tensa disputa (BIONDI, 2014; MARQUES, 2009; RODRIGUES, 2020). Estamos pensando, particularmente, nas consequências de tais conflitos nas vidas de jovens garotos e garotas encarcerados em unidades de internação alagoanas, e sobre o lugar do Estado na mediação (GRILLO, 2019) deste que consideramos ser um problema público, em que estão implicados uma camada específica de jovens, mais vulneráveis às consequências muitas vezes letais desta *guerra*.

³ Estamos usando o *itálico* para demarcar as falas e expressões nativas.

⁴ 7 segundos, 27, jan. 2017: “Guerra entre facções: criminosos matam e filmam execuções com requintes de crueldade em AL”; **Uol**, 20 ago. 2017: “Guerra do PCC com CV e facções locais leva à alta de homicídios em 3 estados do Nordeste”; **Uol**, 9 fev. 2018: “Com guerra de facções e presídios sem controle, dispara nº de assassinatos no Nordeste”; **Gazeta de Alagoas**, 23 ago. 2018: “Facções criminosas disputam espaço em AL e mais 8 estados”; **El País**, 6 jun. 2019: “Guerra de facções dispara mortes violentas no Norte e Nordeste”.



É mais do que reconhecido que o “problema da violência” no Brasil se relaciona, entre outras coisas, a um acúmulo histórico de desigualdades sociais e econômicas, e à marginalização de setores específicos da população (GRILLO, 2019), o que deve ser considerado com ainda mais atenção ao se tratar de Alagoas, um dos estados mais desiguais do país, marcado em sua história recente por uma rápida urbanização e por crises política e econômica. A estrutura organizacional do Sistema Socioeducativo alagoano está profundamente implicada nos processos pelos quais tem passado o estado (RODRIGUES, 2017). Além disso, em Alagoas observamos uma situação chamativa de vulnerabilidade e letalidade juvenil entre a população negra. Pesquisas recentes têm demonstrado como a desigualdade racial, sobretudo entre os jovens, tem um alto impacto nos índices de homicídios do país, de modo que o fenômeno da violência se emaranha a uma crescente vitimização de jovens negros, como impacto do desigual acesso aos direitos fundamentais, tais como a vida e a segurança (SINHORETTO; MORAIS, 2018).

Desenvolvemos pesquisa na Superintendência de Medidas Socioeducativas desde 2015⁵. Ao longo desses anos, realizamos entrevistas semiestruturadas com dezenas de adolescentes que cumpriam medida de internação, acusados de ter cometido *atos infracionais*. Além disso, participamos, até certo ponto, da rotina das unidades de internação, acompanhando atendimentos, visitas familiares, aulas etc. Em decorrência de tal inserção em campo, desenvolveram-se interesses relacionados ao fim do *tempo de firma*, tempo de coexistência entre o PCC e o CV nas *quebradas e cadeias* alagoanas, e às crescentes tensões que se desenvolveram seguidamente. Mais recentemente, já no mestrado, desenvolvemos diferentes planos de pesquisa, ambos lançando mão de experiências de colaboração em observações participantes nas unidades de internação, entrevistas semiestruturadas e outras formas de interlocução, visando produzir trabalhos de caráter etnográfico.

A maioria dos garotos e garotas com quem dialogamos em unidades de internação eram moradores de bairros de periferia em Alagoas. Um número considerável deles teve uma curta expectativa de vida, foram mortos logo após receberem a ansiada liberdade, também em conflitos relativos às dinâmicas criminais, e, mais recentemente, em conflitos relacionados à *guerra entre facções*. Conforme demonstra o Atlas da Violência do ano de 2019 (IPEA; FBSP, 2019), não é incomum esses jovens se tornarem alvo da violência letal, que atinge significativamente a população negra. Como em todo o país, além de serem, proporcionalmente, mais encarcerados que os jovens brancos, os jovens negros estão mais expostos aos homicídios (SINHORETTO; MORAIS, 2018). Argumentamos que há um perfil específico de garotos e garotas, identificados numa complexa combinação de marcadores sociais, que está mais exposto à

⁵ Entre 2015 e 2019 colaboramos na pesquisa de Iniciação Científica “Mercados Ilícitos, Amor e Diversão nas Periferias de Maceió”, ligada ao Grupo de Pesquisa Periferias, Afetos e Economia das Simbolizações. Nesse período, fomos bolsistas CNPq.



espiral de conflitos violentos e à precoce letalidade observadas no estado de Alagoas (SINHORETTO; MORAIS, 2018).

Por muito que já se tenha dito a respeito desses acontecimentos, consideramos que ainda é necessária atenção para os múltiplos desdobramentos que a expansão das alianças faccionais (MANSO; NUNES DIAS, 2017) têm em diferentes contextos. No caso alagoano, embora existam pressões padronizadoras em relação às organizações do Centro-Sul do país, notamos singularidades chamativas nos processos que se desenrolaram neste estado (RODRIGUES, 2020). São algumas dessas singularidades que apresentaremos então.

Diferentemente do discurso de que a hegemonia faccional em determinadas regiões pode produzir “pacificações”, o que se observa mais ao norte do país é algumas guerras terem fim para que outras possam começar, agora em outra escala (BARROS et al., 2018, p. 127), mediadas, entre outras coisas, pelas pressões expansionistas e padronizadoras das mencionadas *facções*, que disputam a nomeação do *justo* e do *certo* e disputam territórios em *cadeias e quebradas*. Indivíduos que enunciam vínculos e afeições com o PCC e o CV vêm mobilizando a retórica de *guerra e paz* para atingir fins específicos e contextuais (GRILLO, 2019; HIRATA; GRILLO, 2017), como procuramos demonstrar a seguir.

2. Contextualizando o cenário de *guerra* no Sistema Socioeducativo Alagoano

Para dar conta das questões que propomos, apresentamos nossa experiência em campo, em unidades de internação do Sistema Socioeducativo alagoano, onde realizamos pesquisa há cerca de cinco anos. Nos últimos dois anos (2019-2020), diferentemente do que fizemos até então, propusemos outra entrada em campo, por meio de atividades no formato de Rodas de Conversa⁶, que aconteciam semanalmente, com grupos fixos de cinco a oito garotos e garotas internados em unidades masculina e feminina. Por meio dessas atividades, provocávamos o diálogo sobre diversos temas de mútuo interesse, lançando mão de livros infanto-juvenis, filmes e músicas. Além disso, aproveitávamos o espaço para colocar perguntas relacionadas às nossas pesquisas⁷.

⁶ Nos inspiramos nas “Rodas de Conversa” realizadas por Padovani (2015) durante suas pesquisas na Penitenciária Feminina da Capital em São Paulo.

⁷ No caso de Ada, há um interesse específico nos repertórios disciplinares, observados tanto nas práticas institucionais, por meio de pressões e constrangimentos de funcionários sobre adolescentes nas micro cenas do cotidiano das unidades de internação, como nas respostas dos adolescentes a essas pressões e constrangimentos, além dos controles e regulações que os adolescentes exerciam mutuamente e sobre funcionários a partir da mobilização de vínculos com *facções* (CARVALHO, 2018, 2021). No caso de Alana, o foco de interesse é entender qual a atuação e participação de adolescentes internas no Sistema Socioeducativo de Alagoas em redes criminais e faccionais. As principais questões abordadas em seu trabalho são: desvendar quais os papéis exercidos pelas jovens no tráfico



Entre 2019 e 2020, estivemos, juntas ou separadamente, em três unidades masculinas e em uma unidade feminina, onde encontramos garotos e garotas que enunciavam vínculos, ou, como eles costumam dizer, *corriam com* o PCC ou o CV, embora muitos não fossem necessariamente *irmãos*. Como esclarece Rodrigues (2020), *correr com a facção* em Alagoas não necessariamente implica em ser “batizado”, “irmão” ou “primo leal”, mas indica alianças circunstanciais e instáveis, estabelecidas por vínculos fraternais. Alguns garotos explicavam que passaram a *correr com* a facção no momento da ruptura da aliança PCC-CV, no fim do *tempo de firma* e “estopim” da *guerra*. Quando suas *quebradas viraram*, ou seja, as lideranças do *crime* se viram pressionadas a assumir um ou outro lado, eles também se viram pressionados a fazer o mesmo, inclusive para se proteger (RODRIGUES; SILVA; SANTOS, 2020).

É necessário enfatizar, no entanto, que as figurações (ELIAS, 1980) nas unidades de internação masculinas e na unidade feminina, onde realizamos pesquisa de campo, são diferentes entre si. As diferenças se relacionam à forma como se deu a reconfiguração do *mundo do crime* em Alagoas, à forma como se dá a enunciação das *facções* no estado e, também, a como funcionários do sistema socioeducativo administram essas situações.

No caso da unidade de internação feminina, que é apenas uma, encontramos uma média de 15 garotas internadas. Seus vínculos com *facções* não podem ser ensejados enquanto um elemento que influencia na forma como se relacionam e se posicionam umas em relação às outras. Assim, lá encontramos garotas que podiam *correr com* o CV e o PCC no *mundão*, do lado de fora dos muros da unidade, sem que isso cause conflitos entre elas. Segue a fala de uma das nossas interlocutoras:

A gente não tem isso aqui na unidade, porque a gente funciona no respeito e na independência. Se você quer ser alguma coisa, é do portão pra lá, mas aqui tem que respeitar todo mundo. Tá todo mundo no mesmo barco, independente de qualquer situação uma precisa da outra, sempre vai precisar. Aqui dentro é assim, uma precisando da outra. (Transcrição de Roda de Conversa conduzida por Ada Rízia e Alana Barros, jan. de 2019).

As adolescentes são constrangidas pelas funcionárias (quase todas mulheres) da unidade a praticar esse comportamento que tensiona a vinculação a grupos faccionais que elas possuíam antes do período de internação. Apesar disso, as narrativas sobre as vinculações faccionais e suas similares ou diferentes *disciplinas* acabaram vindo à tona em alguns diálogos. Nas Rodas de Conversa, os diálogos comparativos sobre as práticas ligadas a facções rivais foram possíveis entre as adolescentes, diferentemente das unidades masculinas. Segue um trecho transcrito de uma Roda de Conversa:

de drogas e mercadorias roubadas, em redes faccionais e no fluxo de informações entre a rua e as prisões; mapear os sentidos que envolvem a trajetória das adolescentes no crime; e as formas de sociabilidades construídas dentro da Unidade de Internação Feminina (SANTOS, 2018, 2021).



Ada: Vocês percebem que existe alguma diferença entre o PCC e o CV na forma de tratar as mulheres, ou é a mesma coisa?

Karol: Eu acho que é a mesma coisa, porque os dois só foi diferenciado depois que o CV e o PCC teve a separação, porque até antes era aliado. Inclusive, tem até documentários que fala quando existia a ligação dos dois. É a única coisa que só muda é o “a” pro “e”. Não, o “a” pro “o”. Um exemplo, de um mandamento, que o cara não pode cobiçar a mulé do próximo, só muda isso: a mulé num pode cobiçar o marido da próxima.

Ada: Só muda isso. Entendi.

Karol: Mas é quase a mesma coisa. Não aceita lombá-errada, num aceita tarado...

Deise: Até porque antes era um estatuto só. Aí, quando separou foi que...

Karol: A única coisa que muda é os pilares. Porque num existe... Era doze pilares, agora ficou cinco com o CV e acho que o restante ficou com o PCC. (Transcrição de Roda de Conversa conduzida por Ada Rízia e Alana Barros, mar., 2020).

Na unidade feminina, há um compartilhamento dos espaços de convívio comum entre as meninas. As divisões que existem são apenas as dos alojamentos, que não se relacionam a seus vínculos com *facções*, pois garotas de grupos rivais, além de dividir o mesmo quarto por meses, podem até se tornar amigas, como elas nos relatam.

Em contrapartida, nas unidades masculinas, que são várias, encontramos os garotos separados espacialmente entre os que *correm com o PCC*, os que *correm com o CV*, os *neutros*⁸ e os *lombá-errada*⁹. A gestão de suas vidas e de suas trajetórias de institucionalização nessas unidades é atravessada pela *disciplina das facções*, que se costura à própria gestão disciplinar institucional, o que se evidencia na divisão de garotos a partir do reconhecimento de seus vínculos ou “desvínculos” com um ou outro grupo, e da disposição a se submeter à sua *disciplina*. Em outras palavras, estar na unidade A ou B não significa apenas a sujeição às normas institucionais, mas pode implicar, também, na sujeição à *disciplina da facção*. Estivemos especificamente nas unidades masculinas em que os adolescentes enunciavam vínculo com o PCC. Segue a fala de um garoto em uma Roda de Conversa:

É, é o que ali...? Quem bota disciplina na cadeia, né? Todas cadeia tem sua disciplina, pá... A nossa, cadeia do PCC, num sei da parte deles, os bicho, mas da nossa parte aqui, se for cadeia ali que tenha um PCC, vai ter disciplina, onde o PCC tá a disciplina vai tá. Aí, é ele que vai chegar, não os outros companheiro, o que ali é... o que? O que é responsável por ali por tudo: “tu é o que?”, pá, como eu disse, num é obrigado a nada. Só quem é obrigado é os integrante, cumprir com os compromisso dele. Da parte de quem é integrante, ele tem compromisso. Nós tem compromisso, tem que respeitar. (Transcrição de Roda de Conversa conduzida por Ada Rízia, fev., 2020).

⁸ Aqueles que são do *crime*, mas não *correm com facção*.

⁹ Aqueles que cometeram algum *erro* na *caminhada*, na trajetória da *vida do crime*, como delatar alguém, flertar com a parceira de outro garoto, ser acusado de ter cometido alguma agressão sexual etc.



Considerando o contexto apresentado, discutiremos como podemos observar, nas dinâmicas de diálogo nas Rodas de Conversa, as regulações e desconfiâncias entre adolescentes sobre o que é dito e o que é silenciado em um ambiente de *guerra*. As Rodas de Conversa se mostraram uma estratégia privilegiada para observar as interações entre nossos interlocutores, para observar como exercem mútuas regulações, constrangimentos e pressões uns sobre os outros. Como discordam, corrigem e silenciam as falas uns dos outros quando o tema é *facção*, *certo* e *errado*, *cobrança* e *sensos de justiça*. Nossa intenção é apresentar alguns vislumbres da *guerra* em unidades de internação alagoanas.

No próximo tópico, apresentamos duas cenas de situações vivenciadas em campo, em que podemos observar como o que os nossos interlocutores chamam de *disciplina* se expressa em controle sobre os ditos e não ditos, nas reações e contrarreações em relação ao que se pode e o que não se pode dizer. No caso da unidade feminina, vemos a negação dos vínculos com *facções*. No caso das unidades masculinas, vemos a correção de opiniões negativas sobre a *facção*. Entendemos que essas cenas se relacionam à própria maneira como a instituição administra os vínculos dos adolescentes com as *facções*, considerando as figurações já explicitadas que encontramos nas unidades masculinas e na unidade feminina.

3. Algumas cenas em unidades de internação

3.1. Cena 1

Fevereiro de 2020. Estávamos, Ada e Alana, retornando à unidade feminina com mais fôlego do que no ano anterior. Queríamos dar prosseguimento às Rodas de Conversa, iniciadas em 2019 ainda como uma espécie de “teste”. Na biblioteca da unidade, nos reunimos em um círculo com as garotas que participariam dos próximos oito encontros. Elas haviam sido indicadas pela coordenadora da unidade. Tínhamos solicitado que as adolescentes escolhidas tivessem posição de liderança em relação às demais na unidade.

A coordenadora nos explicou que, diferentemente das unidades masculinas, em que identificávamos lideranças relativas a hierarquias das *facções*, como o *disciplina* e o *representante*¹⁰ no caso do PCC, na unidade feminina as lideranças eram as que as funcionárias iam *trabalhando*. Segundo a coordenadora,

Não são as que elas chegam aqui, porque tem marido, porque

¹⁰ Segundo me explicaram em uma das Rodas de Conversa, *representante* é quem vai buscar a *melhoria da unidade*, ou seja, quem vai pleitear com funcionários demandas dos adolescentes. Já o *disciplina*, segundo explicado pelos *adolescentes*, é quem bota *disciplina dentro da unidade*, ou seja, sua função se relaciona mais às interações com os companheiros de internação, garantindo que a *disciplina*, as *regras* de conduta e comportamento do PCC sejam respeitadas por todos.



não sei o que, porque essas são lideranças do crime, às vezes bate e às vezes não bate com as que já chegam aqui sendo liderança. Aqui a gente vai trabalhando outras lideranças, e nem sempre são as que elas reconhecem. (Diário de campo de Ada Rízia, fev., 2020).

Com essa explicação, nos reunimos com as garotas que nos acompanhariam nas próximas semanas. Iniciamos o momento lhes apresentando nossos interesses de pesquisa. No momento da explicação, uma delas, Kris, perguntou: “A pesquisa de vocês é quase igual, né?”. Ada respondeu: “É, é parecido, mas eu quero entender mais sobre como funcionam as facções nas unidades de internação”. Quando foi mencionado o interesse por *facções*, ela logo respondeu: “Não, aqui num tem isso não, aqui é tudo junto e misturado”, no que outra garota, Graça, corrigiu de pronto: “Junto e misturado, não, aqui é tudo junto, tem que conviver de qualquer jeito porque é regra, se não a gente leva um CAD, fica recolhida”¹¹. A outra completou, concordando: “Ou vai pro presídio”.

Essa cena é interessante pelo seguinte motivo: Kris, de cor parda¹² e cabelo comprido e liso, que falou em *junto e misturado*, havia mencionado em outras ocasiões que *não era tão envolvida assim com facção*, chegando a dizer em determinada ocasião que era *frojada*, ou seja, *não tinha voz, proceder, consideração ou respeito no crime*, segundo nos explicaram. Ser *frojado* é um termo nativo depreciativo para indicar quem *rouba coisa pequena, de pouco valor*, segundo a percepção de nossos interlocutores, como celular; ou é *peixe pequeno* no tráfico. Com isso, Kris apresentava uma imagem de si como alguém que não tinha tanto *conhecimento* sobre o tema das *facções* em comparação com as outras garotas, algumas das quais diziam ter ocupado posições de liderança.

Graça, a garota que lhe corrigiu, no entanto, segundo narrava, estava longe de ser *frojada*. Seu parceiro, então preso no sistema prisional, era um dos *chefes* do tráfico em sua *quebrada*. Ela também, em sua narrativa, tinha uma posição de comando, participando, por exemplo, de *ataques a quebradas rivais e cobranças* a quem cometia algum erro.

Graça: Foi. Q’eu me envolvi muito profundo, né, no mundo do crime.

Ada: Você era envolvida com o que?

Graça: Eu sou... Eu sou, não, né, mais, eu era, né. Eu era envolvida com a facção aí. Comando Vermelho. Foi o que me trouxe.

Ada: Aí, foi por isso que você ficou mudando de estado?

¹¹ O CAD é um relatório produzido por uma Comissão Avaliativa Disciplinar, formada pelos funcionários da unidade quando entendem que algum adolescente cometeu uma *falta disciplinar*. A comissão é formada para investigar o que aconteceu. Assim, é produzido o relatório, normalmente enviado à Vara da Infância e da Juventude, e o adolescente pode receber alguma punição, que normalmente é o *recolhimento*, quando fica isolado em um alojamento e saindo apenas nos horários de aula.

¹² Em nossas Rodas de Conversa, apesar de termos dialogado com os/as adolescentes sobre a temática da discriminação racial, não nos ocorreu de questionar a nossos/as interlocutores/as sobre como se autodeclaravam, o que certamente foi um lapso. Por esse motivo, ao descrevê-los/as, estamos partindo de nossas próprias percepções.



Graça: Foi, porque a polícia tava atrás de mim, a polícia civil. (Entrevista realizada por Ada Rízia, jan. de 2019).

Nas Rodas de Conversa, ela sempre se destacava por ser a primeira a falar. Graça tinha pouco mais de um metro e meio, um corpo gordo e a pele na cor negra, com os cachos voltando a despontar devido à transição capilar. Sem medo de se expor, era quem primeiro nos narrava situações vividas e expressões que não entendíamos. Depois de Graça, era como se as outras garotas também se sentissem autorizadas a falar.

O teor de sua correção se dava pelo seguinte motivo: *junto e misturado* é uma expressão nativa usada pelos garotos e garotas com quem dialogamos para se referir ao *tempo de firma*, ao período anterior à *guerra entre facções*, quando pessoas que enunciavam vínculos com o PCC ou o CV podiam dividir a mesma *quebrada*. Naquele período, os conflitos eram mais relacionados a “rivalidades entre ruas, entre conjuntos habitacionais ou, ainda, entre homens – envolvendo mulheres, honra de superioridade viril e desavenças entre parceiros”, o que, no caso das divisões dos garotos em unidades de internação, precisava ser conhecido pelos funcionários na hora de alocar um jovem em um determinado alojamento (RODRIGUES, 2020, p. 4).

A correção do uso da expressão se deu justamente porque, na unidade feminina, uma vez que as garotas são proibidas de construir suas relações, posições e hierarquias por meio dos vínculos PCC e CV, elas não estavam *junto e misturado*, pois isso implicaria em ainda estar vinculadas às *facções* e à *vida do crime*, só não estariam em *guerra*. Nessas circunstâncias, elas só poderiam estar *tudo junto*, como Graça corrigiu, sem referências aos símbolos faccionais enquanto meios de enunciar suas posições e disposições.

3.2 Cena 2

Março de 2020. Eu, Ada, estava a conduzir uma Roda de Conversa em uma unidade de internação masculina. Os encontros aconteciam em uma sala de aula, uma casinha de telha sob uma mangueira, no complexo de unidades de internação masculinas. Estava já há algumas semanas dialogando com um grupo de seis garotos, que tinham entre 16 e 17 anos. Naquele dia, havíamos feito a leitura de um livro infanto-juvenil e conversado sobre nossas impressões e reflexões a partir de sua história. Nos minutos restantes do tempo que me era concedido, fazia algumas questões mais direcionadas por meus interesses de pesquisa.

A partir de minhas perguntas, os garotos me falaram sobre o *tempo de firma* e sobre a *guerra* em suas *quebradas*. Deu-se, então, o seguinte diálogo:

Ada: Se vocês pudessem dizer, tipo assim, era pior no tempo de firma, morria mais gente, ou hoje tá pior?

Mário: Da minha parte, da minha parte, eu acho que hoje em dia é mais organizado, porque morria na própria quebrada, os cara se matava, um matava o outro, num dava em nada, um matava o outro num dava em nada. Era nem os cara de longe, era os cara



se matando dentro, e hoje em dia o PCC organizou ali, né? (...) Aonde tem quebrada ali que é da merma facção... Tipo, a minha quebrada era tempo de firma, assim, na época que num tinha facção. A minha quebrada era uma quebrada e tinha a outra quebrada do lado. Aí, era contra uma a outra, aí, virou PCC essa e virou PCC essa [as duas quebradas vizinhas], no interior eu tô falando. Aí, já num é mais, organizou, num tem aquelas morte, porque um queria tomar a quebrada do outro. Aí, o PCC virou de um lado e virou do outro. Aí, ficou tudo organizado. Quando morre ali, os cara toma uma atitude isolada.

Ada: Entendi. Aí, no caso, pro Nelson, na percepção dele, hoje tá pior. Por quê você acha que tá pior?

Nelson: Não, pior porque tem muita ali troca de tiro [trecho incompreensível] de um bairro pro outro por causa de facção, e também tem muito massacre assim em cadeia, em presídio, muito massacre, muita rebelião acontecendo...

Luís: Às vez ali o cara tá passando ali, pega ali uma bala perdida ali, uma pessoa que num tem nada a ver, uma pessoa inocente, aquele ali, ó, morreu, inocente, num sabe nem o que é o crime...

Mário: Ô, parcial, aí, quando num tinha facção, aí, bala perdida num pegava não no inocente, era?

Luís: Pegava. Mas eu acho ali que tá mais pior, né? Na minha visão, né...

Mário: Organizou tudo, porque, se num existisse CV, fosse tudo uma facção só, ia ser tudo organizado, mas, tá aí, ó... (...) Se é facção, aí, é o crime organizado, né... (Transcrição de Roda de Conversa conduzida por Ada Rízia, março, 2020).

Neste grupo com que eu fazia as atividades semanais, havia garotos que sempre mencionavam o desejo de *mudar de vida*, de sair do *mundo do crime*, o que implicaria em não mais *correr com* o PCC. Nelson e Luís eram alguns deles. Ambos tinham baixa estatura, cabelos escuros e cortados rentes à cabeça, a pele de ambos tinha a cor parda. Luís tinha um corpo gordo, já Nelson era bem magro. No diálogo acima, eles eram, também, os que elaboravam um discurso mais crítico sobre a *guerra* entre as *facções*, contradizendo a fala de Mário, que argumentava que, com o fim do *tempo de firma*, quando sua *quebrada virou PCC*, o *crime* teria ficado *mais organizado*, evitando-se as muitas mortes que ocorriam em um momento anterior, fala muito comum entre os adolescentes.

Embora meu gravador não tenha captado, lembro-me de que, enquanto Luís falava, enfatizando as mortes por conta do conflito entre *facções* como algo que teria aumentado, três garotos em específico, entre eles Mário, de cor branca e cabelo crespo penteado com gel, conversavam entre si em um tom de incômodo com o que era dito: "Oxe, e num sempre teve morte não, é?". Mário, um dos mais incomodados, assim como Graça, parecia ser liderança naquela unidade. Suas falas estavam sempre a regular as dos demais.

Nessa ocasião, ele falou mais alto, num tom de correção e reprovação ao que Luís e Nelson diziam e que, em última instância, representava uma postura de crítica ao próprio PCC. Afinal, Luís e Nelson se calaram, embora firmes em suas opiniões. O que aconteceu depois, já nos alojamentos, não poderia saber. Mas naquela situação ficou muito claro como um discurso discordante da retórica hegemônica de que a *facção* está *trazendo a paz*, regulando os conflitos etc., é prontamente corrigido, reprovado. Se não houve um pronto



silenciamento, certamente houve pressão e constrangimento em relação ao que era dito.

Em Alagoas, de 2016 em diante, modificaram-se drasticamente as possibilidades de deslocamento e convivência para moradores de bairros de periferias e para jovens encarcerados em *cadeias*. A rivalidade entre o CV e o PCC no interior do Sistema Socioeducativo potencializou desconfianças e inseguranças entre os adolescentes, que ficam em constante tensão. As duas cenas acima trazidas dão pequenas mostras disso.

Nas unidades de internação, podíamos observar mudanças nas práticas de disciplina e controle mobilizadas tanto por adolescentes, como funcionários (RODRIGUES, 2020). Sobretudo nas unidades masculinas, pode-se pensar na ideia de fronteiras entre aqueles que *correm com* o PCC, *correm com* o CV ou se recusam a *correr com facção*, implicando em “uma alteridade radical e hostil com um inimigo, a ser eliminado, de modo que reivindicar uma identidade vinculada ao nome de um comando é posicionar-se em meio a uma guerra” (GRILLO, 2019, p. 76).

Se antes não parecia haver pressão entre os adolescentes para que assumissem o vínculo com alguma *facção*, de modo que eles raramente mencionavam *correr com* o PCC ou CV, desde 2016, tornou-se importante afirmar que eram *faccionados*, e de qual lado estavam. Tornou-se urgente afirmar o *corre* com uma ou outra *facção*, por meio de cânticos entoados, gritos de guerra, orações e riscos em paredes e bancas. Precisava ficar claro quem *corria com o certo* e, logo, quem era *lomba-errada*.

Com a escalada de tensões, os garotos internados passaram a ser alocados em unidades de acordo com seus vínculos com o PCC ou o CV, ou, pelo menos, o vínculo de suas quebradas. Logo, começaram a aparecer garotos que *perdiam o convívio* nas unidades *faccionadas*. Com risco de serem agredidos ou algo pior, eles precisavam ser transferidos com urgência para outra unidade. A princípio, esses adolescentes eram os que *perdiam o convívio* por algum erro na *caminhada*, dentro ou fora da unidade de internação. Eles poderiam ser acusados de ter estuprado alguém, *talaricado* (flertado com) a namorada de um companheiro, ou ter cometido alguma *cabuetagem* (delação). Estes eram os chamados *lomba-errada*.

Com o tempo, no entanto, foi crescendo ainda mais o número de adolescentes que *perdiam o convívio*. As transferências viraram como um jogo de campo minado, pois os *sem convívio* vindos de uma unidade do PCC não poderiam ser alocados junto aos *sem convívio* vindos de unidades do CV. E o *sistema* já não dava conta de tantas transferências.

O estigma de ser *lomba-errada* ia ficando ainda mais complexo. Aos poucos, cresceu o número de adolescentes que ainda diziam ser da *vida do crime*, mas que não mais queriam *correr com facção*, nem se submeter à sua *disciplina*. Eles passaram a se automear como *neutros*, mas, entre



os *faccionados*, eles eram tão *lomba-errada* quanto os que *talaricavam* ou *cabuetavam*, por exemplo. Os *neutros*, então, passaram a ser alocados em outras unidades de internação.

Em suma, nessa complexa reconfiguração, *neutros*, inimigos da *facção rival* e aqueles que cometiam os *erros* mencionados anteriormente passaram a ser *lomba-errada*, de modo que este pode ser pensado como um estigma em perspectiva. Afinal, pelo olhar do rival, todos aqueles que não são *nóis*, mas são eles, podem ser encarados como *lomba-errada*, *lixo* ou outra expressão depreciativa. Possivelmente por isso, potencializaram-se as desconfianças e as regulações de falas e comportamentos entre os adolescentes que conviviam na mesma unidade e que mobilizavam a ideia de *disciplina* para nomear o *certo* e o *errado* (CARVALHO, 2021).

É nesse contexto que as cenas acima trazidas nos dão vislumbres da *guerra* que também se instaurou no Sistema Socioeducativo. O conflito, complexo e letal, se territorializou nas unidades de internação. As relações entre os adolescentes passaram a ser mediadas pelas posições que ocupavam uns em relação aos outros, se eram um *falso criminoso*, um *cabueta*, um *evangélico que estava se escondendo atrás da Bíblia...* Foram as desconfianças que passaram a emergir num contexto em que *correr com o certo é correr com nós*, e o contrário é ser inimigo, é ser *lomba-errada*.

Nessas circunstâncias, as dinâmicas das Rodas de Conversa foram espaços privilegiados para enxergar, naquelas micro-interações, cenas de conflito, tensões e desconfianças entre os adolescentes, relativas justamente às suas posições. Fazer críticas ao PCC ou insinuar que aqui é *tudo junto e misturado* eram situações que demandavam correções imediatas, afinal, uma *palavra mal colocada* em um contexto incerto pode custar caro.

Até onde pudemos observar em campo, garotos e garotas estão sempre atentos às *caminhadas* uns dos outros, ao que dizem e fazem em suas trajetórias. É necessário provar a todo instante que não se *corre com o errado*, afinal, o reconhecimento da manutenção dos vínculos parece se dar justamente pela negação daquilo que não se faz, como se se tratasse de uma construção de uma autoimagem em oposição ao que se rejeita, criando fronteiras e contrastes (HIRATA; GRILLO, 2017). Quando um adolescente corrige seu parceiro, é como se ele estivesse assumindo sua posição de combate *na guerra*. Não há espaço para relativismos, é preciso resguardar visceralmente a diferença em relação ao outro (BARBOSA, 2019), para não correr o risco de também ser visto como *lomba-errada* e se tornar mais uma vítima da *guerra* (CARVALHO, 2021).

4. Algumas conclusões e mais perguntas

Considerando as questões acima colocadas, apresentamos alguns caminhos interpretativos que temos percorrido na medida em que dialogamos



com nossos interlocutores e refletimos sobre nossas experiências de campo. Em primeiro lugar, chamamos atenção para como as rivalidades relativas à *guerra* entre *facções* vêm se costurando a gestão do sistema socioeducativo (CARVALHO, 2021; SANTOS, 2021).

As afinidades e rivalidades entre os adolescentes não são apenas assumidas institucionalmente, mas utilizadas como meios para alocá-los em unidades de internação, em que eles estarão sujeitos a uma ou outra *disciplina*, expressas, sobretudo, em regras comportamentais, de um ou outro grupo. É nesse sentido que houve uma territorialização da *guerra entre facções* no sistema socioeducativo. Punições, *cobranças* e justicamentos do *mundo do crime* também atravessam as trajetórias de encarceramento de adolescentes.

Torna-se importante reforçar que, quando falamos sobre adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa privativa de liberdade, estamos diante de jovens majoritariamente negros, moradores dos bairros de periferia de Alagoas. O último Atlas da violência no Brasil, publicado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) e pelo Fórum de Segurança Pública no ano de 2019, mostrou que Alagoas permaneceu entre os estados com mais homicídios do país. O documento pontua que “a violência letal acomete principalmente a população jovem. Para se ter uma ideia, 59,1% do total de óbitos de homens entre 15 a 19 anos de idade são ocasionados por homicídio”.

Além disso, o estado ainda lidera a maior diferença na taxa de letalidade entre negros e não negros. Em 2017, a taxa de homicídios de negros superou em 18,3 vezes a de não negros, cuja taxa de homicídios é igual a 3,7 mortos a cada 100 mil habitantes deste grupo. Os especialistas apontam, ainda, que os crescimento no número de homicídios no Norte e Nordeste do país observado nos últimos anos se relaciona justamente à *guerra entre facções*, tal como observamos em Alagoas (IPEA; FBSP, 2019, p. 7).

Estamos de acordo com Grillo que (2019), no caso de tais jovens, é preciso considerar que o modelo de ação pautado pela violência letal pode se relacionar a suas experiências de precariedade material e simbólica, num contexto em que se criam territórios de exceção estatal balizados na justificativa de combate ao tráfico e à violência. São as engrenagens da *guerra*. Como argumentamos no início do texto, no entanto, suas consequências não são vividas por todos os alagoanos, muitos talvez dela não tenha notícias, pois os territórios de exceção estão nas *quebradas* e periferias, e seus mortos são uma camada específica dos jovens alagoanos.

Nesse sentido, uma questão que nos colocamos é até que ponto a gestão institucional das vidas de adolescentes encarcerados acaba por potencializar seus conflitos e os tensionamentos, ainda que seja por meio de uma política de indiferença (DRYBREAD, 2016) em relação aos dilemas por eles vivenciados, ao não fornecer e propiciar meios de superá-los por uma via que não seja a da violência, do silenciamento, da desconfiança letal. O fato é que uma camada específica de jovens alagoanos, ainda que sob a tutela do Estado, continua



exposta e vulnerável à *guerra* e às suas consequências, e o que vemos é o avançar de políticas e pautas que colocam em xeque as poucas conquistas de nosso curto período de redemocratização (GRILLO, 2019; SINHORETTO; MORAIS, 2018).

Referências bibliográficas

Atlas de violência 2019. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em: 31 out. 2020.

BARBOSA, Antonio Rafael. Política e moral nas prisões brasileiras. **Tempo Social**, v. 31, n. 3, p. 121–140, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/162523>. Acesso em: 31 out. 2020.

BARROS, João Paulo Pereira et al. “Pacificação” nas periferias: Discursos sobre as violências e o cotidiano de juventudes em Fortaleza. **Revista de Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 117–128, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/30781>. Acesso em: 31 out. 2020.

BIONDI, Karina. **Etnografia no movimento: Território, hierarquia e lei no PCC.** 2014. 336 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos 2014.

CARVALHO, Ada Rízia Barbosa de. **A “máquina opressora”:** A gestão da vida de adolescentes sentenciados a cumprir medida socioeducativa em unidades de internação de Alagoas. 2018. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

_____. **Cadeias de tensão:** Repertórios disciplinares de facções e do sistema em unidades de internação alagoanas. 2021. 219 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

COSTA, Flávio; MADEIRO, Carlos. Guerra do PCC com CV e facções locais leva à alta de homicídios em 3 estados do Nordeste. **Uol**, São Paulo, Maceió, 20 ago, 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/20/guerra-do-pcc-com-faccoes-locais-leva-a-explosao-de-homicidios-em-3-estados-do-nordeste.htm>. Acesso em: 02 nov. 2020.



DRYBREAD, Kristen. Documents of indiscipline and indifference: The violence of bureaucracy in a Brazilian juvenile prison. **American Ethnologist**, v. 43, n. 3, p. 411–423, 2016. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/amet.12335>. Acesso em 31 out. 2020.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980.

GRILLO, Carolina Cristoph. Da violência urbana à guerra: Repensando a sociabilidade violenta. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 12, n. 1, p. 62–92, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/22781>. Acesso em: 01 nov. 2020.

HIRATA, Daniel. Veloso; GRILLO, Carolina. Cristoph. Sintonia e amizade entre patrões e donos de morro: Perspectivas comparativas entre o comércio varejista de drogas em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 75–98, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702017000200075&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 31 out. 2020.

MADEIRO, Carlos. Com guerra de facções e presídios sem controle, dispara nº de assassinatos no Nordeste. **Uol**, Maceió, 2 jan. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/02/09/com-guerra-de-faccoes-e-presidios-fora-de-controle-nordeste-tem-disparada-de-assassinatos.htm>. Acesso em: 02 jan. 2020.

MALLART, Fábio. **Cadeias dominadas: Dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos**. 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MANSO, Bruno Paes.; NUNES DIAS, Camila Caldeira. PCC, sistema prisional e gestão do novo mundo do crime no Brasil. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 11, n. 2, p. 10–29, 2017. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/854/259>. Acesso em: 31 out. 2020.

MARQUES, Adalton. **Crime, proceder, convívio-seguro: Um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões**. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PADOVANI, N. C. **Sobre casos e casamentos: Afetos e “amores” através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona**. 2015. 400 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade



Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. “‘Necessidade’ de ‘polícia’ e a ‘paz’ das ‘facções’: desejos de ‘ordem’ e efeitos de ‘desordem’ nas periferias e cadeias de Maceió, AL”. In: Bittencourt, João (Org.) **Juventudes contemporâneas - desafios e expectativas em transformação**. Rio de Janeiro: Editora Telha.

_____. “Corro com o PCC”, “corro com o CV”, “sou do crime”: “Facções”, sistema socioeducativo e os governos do ilícito em Alagoas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 102, 2020.

RODRIGUES, Fernando de Jesus; SILVA, Ada Rízia Barbosa; SANTOS, Alana Barros. Notas sobre redes de proteção: facção, família e crime em periferias urbanas de Alagoas. **Diversitas Journal**, v. 5, n. 3, p. 2297–2316, 2020. Disponível em: https://periodicos.ifal.edu.br/diversitas_journal/article/view/1226

RODRIGUES, Marcos. Facções criminosas disputam espaço em AL e mais 8 estados. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 23 ago. 2018. Disponível em: <https://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=328695>. Acesso em: 02 nov. 2020.

ROSSI, Mariana. Guerra de facções dispara as mortes violentas do Norte e Nordeste. **El País**, São Paulo, 06 jun. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/05/politica/1559763069_341424.html. Acesso em: 02 nov. 2020.

SANTOS, Alana Barros. **As experiências de rupturas afetivas na família favorecem a aproximação dos adolescentes com práticas ilícitas e criminais?** 2018. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

_____. **Afetos marginais e tramas no crime: Cursos sentimentais, de sobrevivência e de aventura entre socioeducandas alagoanas. Afetos marginais e tramas no crime: cursos sentimentais, de sobrevivência e de aventura entre socioeducandas alagoanas.** 2021. 219 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. 97f.

SINHORETTO, J.; MORAIS, D. DE S. Violência e racismo: Novas faces de uma afinidade reiterada. **Revista de Estudios Sociales**, v. 64, n. 2, p. 15–26, 2018.



Como citar este artigo:

CARVALHO, Ada Rízia Barbosa de; SANTOS, Alana Barros. Algumas expressões da guerra entre facções nas unidades de internação alagoanas. *Áskesis*, São Carlos - SP, v.9, n.1, p. 19-35, jan./jun. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9120.561>

Data de submissão do artigo: 16/08/2020

Data da decisão editorial: 02/02/2021